

# Paisagem linguística e repertórios em tempos de diversidade: uma situação em perspectiva<sup>1</sup>

## Linguistic landscape and repertoires in times of diversity: A situation in perspective

Mariana Schuchter Soares<sup>2</sup>

marischuchter@yahoo.com.br

Universidade Federal de Juiz de Fora

Raquel Santos Lombardi<sup>3</sup>

raquellombardi@yahoo.com.br

Universidade Federal de Juiz de Fora

Ana Claudia Peters Salgado<sup>4</sup>

ana.peters@ufff.edu.br

Universidade Federal de Juiz de Fora

---

**RESUMO** - Este trabalho discute a realidade dinâmica e crescente em termos de contatos linguístico-culturais na cidade de Juiz de Fora (MG), em tempos de (super)diversidade. Desconstruímos a ideia de que a cidade é monolíngue através da observação de sua paisagem, que não é só linguística, mas também social. Para isso, recorremos aos conceitos de paisagem linguística de Shohamy e Gorter, de repertórios comunicativos de Rymes e de repertórios espaciais de Otsuji e Pennycook. Assim, através de um estudo qualitativo etnográfico, ainda em andamento, baseado em notas expandidas e fotografias, notamos que a nova realidade pode ser favorável a variações na língua e na cultura locais, modificando os repertórios comunicativos dos indivíduos presentes nesse cenário.

**Palavras-chave:** superdiversidade, paisagem linguística, repertórios comunicativos.

**ABSTRACT** - This work discusses the dynamic and increasing reality in terms of linguistic and cultural contacts in the city of Juiz de Fora (Brazil), in (super)diversity times. We deconstruct the idea that the city is monolingual through the observation of its landscape, that is not only a linguistic one, but also a social one. Thereunto, we use the concepts of linguistic landscape by Shohamy and Gorter, communicative repertoires by Rymes and spatial repertoires by Otsuji and Pennycook. So, through an ethnographic qualitative study in progress, based on expanded notes and photographs, we have noticed that the new reality may be favorable to variations in language and local culture, changing the communicative repertoires of the individuals from this scenario.

**Keywords:** superdiversity, linguistic landscape, communicative repertoires.

---

## Introdução

Em contextos cada vez mais plurais e marcados pela diversidade – política, ideológica, cultural, linguística etc. –, o tema línguas/culturas em contato mostra-se bastante relevante. Por isso, revisitamos alguns conceitos diante das transformações trazidas pelo advento de novas

e mais rápidas tecnologias, e de inovações nas formas de se comunicar e transitar pelo mundo. Para tal, recorremos a um estudo qualitativo etnográfico, ainda em andamento, baseado em notas expandidas feitas pelas pesquisadoras e em fotografias da paisagem linguística de Juiz de Fora. A localidade foi selecionada para esta pesquisa principalmente por ser considerada uma “cidade universitária”, a

---

<sup>1</sup> Uma versão preliminar desta pesquisa foi publicada nos Anais do XI Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, realizado em Chapecó (SC), de 12 a 14 de novembro de 2014, com o título “A paisagem (socio)linguística da cidade de Juiz de Fora/MG: o estudo de um ambiente plurilíngue em tempo real”.

<sup>2</sup> Doutoranda em Linguística na Universidade Federal de Juiz de Fora. Rua José Lourenço Kelmer, s/n, Martelos, 36036-330, Juiz de Fora, MG, Brasil.

<sup>3</sup> Doutoranda em Linguística na Universidade Federal de Juiz de Fora. Rua José Lourenço Kelmer, s/n, Martelos, 36036-330, Juiz de Fora, MG, Brasil.

<sup>4</sup> Professora Adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Rua José Lourenço Kelmer, s/n, Martelos, 36036-330, Juiz de Fora, MG, Brasil.

qual atrai pessoas de várias regiões do país e do mundo. Não delimitamos um bairro específico, uma vez que a intenção não é quantificar as manifestações linguísticas que tenham recursos de diferentes línguas enquanto entidades políticas, mas descrever comportamentos e o cenário como um todo, através de observações e da interpretação dos dados coletados. Dessa forma, nosso lócus de pesquisa são as oito zonas da cidade – Centro, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Sudeste e Sul –, o que cobre uma área de 1.429,875 km<sup>2</sup>. Quanto ao recorte cronológico, esta pesquisa será realizada entre os anos de 2014 e 2018, e o que se apresenta neste artigo corresponde a sua fase inicial.

Conforme dados do IBGE relativos ao Censo Demográfico 2010, um terço da população de Juiz de Fora, naquele ano, não tinha nascido na cidade. Isso representava 173.209 de 516.247 habitantes. Ainda, cerca de 50.221 residentes em Juiz de Fora tinham vindo de outros estados. Esses números, conforme matéria publicada no jornal Tribuna de Minas, no dia 28 de abril de 2012, não levavam em conta a maioria dos estudantes provenientes de outras localidades, uma vez que as pessoas que têm família em outras cidades, mas vivem em Juiz de Fora e fazem uso da rede de ensino local, normalmente são contabilizadas como habitantes dos municípios onde seus pais residem. Por isso, o número de pessoas de fora presentes no dia a dia da cidade é ainda maior.

Em 2010, Juiz de Fora já era a segunda cidade mineira em número de residentes estrangeiros, somando 1.050 pessoas. O município, que tem a característica de atrair imigrantes, contava ainda com 186 habitantes naturalizados brasileiros. Hoje (no ano de 2016), esse número é, certamente, muito maior. Isso porque a cidade cresce, a cada dia, a olhos vistos. Além disso, a Universidade Federal de Juiz de Fora, junto com o governo federal, tem expandido suas políticas de intercâmbio. Vários projetos, tais como o *Sisu*<sup>5</sup> e o *Ciência sem fronteiras*<sup>6</sup>, têm dado oportunidade a mais jovens de outras localidades de ingressarem na faculdade.

Assim, considerando este cenário de pesquisa, partimos da ideia de que vivemos em uma era de superdiversidade. De acordo com o antropólogo Vertovec, nas últimas décadas, a natureza da imigração, no contexto inglês, tem trazido um tipo de “diversificação da diversidade”, não apenas em termos de etnia e dos países de origem dos imigrantes, mas também no que se refere a “[...] um número de variáveis significativas que afetam onde, como e com quem as pessoas convivem” (2006, p. 1). Para o autor,

essas variáveis, mutuamente condicionadas, incluem uma transformação no *status* de migração e, conseqüentemente, nos direitos e restrições dos imigrantes, nas experiências no mercado de trabalho, nos perfis de gênero e raça, nos fatores espaciais (o que inclui o mercado imobiliário) e nas relações com prestadores de serviços e habitantes em geral (Vertovec, 2006, p. 1). Ainda, considerando que o antropólogo se recusa a tratar a questão da diversidade somente a partir de divisões étnicas, buscamos mostrar que os repertórios comunicativos (Rymes, 2010, 2014) estão para além das nacionalidades. O que parece existir em Juiz de Fora é uma expansão dos repertórios dos moradores locais, tanto em função dos contatos devido à intensa migração (nacional e internacional) quanto devido à mobilidade e à tecnologia.

Para Blommaert (2013, p. 10), a expressão superdiversidade se refere à “diversidade dentro da diversidade”, i.e., ao aumento na tessitura da diversidade das sociedades contemporâneas. Para o autor, esse fato tem relação com duas forças distintas, mas interconectadas, que emergiram praticamente no mesmo momento histórico e que afetaram a forma como os indivíduos organizavam suas vidas. Essas forças foram (i) o final da Guerra Fria (e as conseqüentes mudanças nos padrões migratórios) e (ii) a Internet.

Não podemos dizer que a realidade de Juiz de Fora corresponda exatamente àquela encontrada no contexto inglês, nem àquela da cidade de São Paulo, nem a da cidade de Governador Valadares (MG) (com grande frequência de emigração para os Estados Unidos), por exemplo. Isso porque, apesar de a superdiversidade já estar por toda parte (principalmente nos centros urbanos, mas não necessariamente), ela se configura em graus variados. Dessa forma, ela também está presente em Juiz de Fora, ainda que em uma escala distinta.

Para Blommaert e Rampton (2011), não há mais uma previsibilidade da categoria de migrante e de suas características socioculturais. Nesse sentido, conforme acreditamos, o mundo está em um movimento constante de diferentes individualidades, o que quer dizer que os imigrantes não se movem necessariamente em um grande conjunto (tal como aconteceu com os 1.162 alemães, austríacos e dinamarqueses que vieram para Juiz de Fora (MG), no século XIX, correspondendo a mais de 20% da população total da cidade), não são sempre uma “massa” que se junta à outra e “domina” ou é “dominada”, mas são indivíduos que, muitas vezes, buscam suas experiências individuais e/ou familiares em outros espaços, por motivos diversos.

<sup>5</sup> O *Sistema de Seleção Unificada* (Sisu) é o sistema informatizado gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC), a partir do qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas para candidatas, de todo o Brasil, participantes do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem).

<sup>6</sup> O programa *Ciência sem Fronteiras* busca promover a consolidação e a internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. A iniciativa é fruto de esforço conjunto dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por meio de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e Capes –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC. O projeto prevê a utilização de bolsas de intercâmbio, de forma que alunos de graduação e pós-graduação possam fazer estágio no exterior, bem como atrair pesquisadores do exterior que queiram se fixar no Brasil ou estabelecer parcerias com os pesquisadores brasileiros.

Desse modo, partindo da ideia de diversificação e ampliação de repertórios comunicativos (Rymes, 2010, 2014) e espaciais (Otsuji e Pennycook, 2010; Pennycook e Otsuji, 2014) devido à crescente mobilidade social e, conseqüentemente, a contatos linguísticos cada vez mais crescentes e dinâmicos, bem como de uma paisagem linguística que manifesta essa realidade de forma bastante contundente, buscamos demonstrar como recursos linguísticos plurais estão por toda parte na cidade, em diferentes gêneros, meios e formas. Isso quer dizer que focamos nos usos linguísticos e nas relações estabelecidas com os locais que funcionam como cenário para o processo de comunicação. Não falamos, aqui, de línguas monolíticas (como meras entidades políticas), mas de línguas entendidas como recursos que são reinventados e somados a outros recursos, isto é, a outras “línguas políticas”, em modos e espaços diferentes, mostrando o quanto essa diversidade se traduz até mesmo através da linguagem.

Apresentamos, nesta pesquisa, além de uma revisão bibliográfica, sete fotografias (dentre as 152 que foram tiradas até o momento) de diferentes gêneros textuais e recursos encontrados na cidade em questão. Nesse sentido, não é nosso objetivo restringir as manifestações linguístico-culturais a serem apresentadas através de fotografias, no sentido de mostrarmos apenas pichações ou placas de lojas ou nomes de prédios. A intenção é, na verdade, mostrarmos a ‘pluralidade’ desta paisagem.

### A perspectiva da paisagem linguística

De acordo com Shohamy *et al.* (2010, p. 1), de forma cada vez mais crescente, as cidades têm se tornado lugares onde diferentes culturas, línguas e identidades interagem. Assim, mesmo comunidades que já são formadas por imigrantes e seus descendentes estão adicionando novos elementos de plurilinguismo/multiculturalismo ao que já é uma situação de diversidade.

Conforme acreditamos, a crescente e incessante mobilidade social altera constantemente as paisagens linguísticas (Shohamy e Gorter, 2009; Shohamy *et al.*, 2010). Nessa perspectiva, as línguas podem ser encontradas ao ar livre, em camelôs, em lojas, escolas, ônibus, *campi* universitários, sinais de trânsito, praias, e em outros lugares das cidades, até mesmo no *cyber* espaço. Dessa forma, ao mesmo tempo em que são utilizadas por pessoas para falar ou para ouvir, essas línguas também podem ser representadas e reveladas em diferentes lugares e de diferentes formas, algumas vezes por razões funcionais e outras com propósitos simbólicos. Os recursos linguísticos

visuais inseridos em um meio ambiente relacionam-se diretamente às pessoas, uma vez que são elas quem os produzem e escolhem como usá-los (Shohamy e Gorter, 2009, p. 1).

Conforme defende Coulmans (2009, p. 6), a pesquisa voltada para a paisagem linguística deve se guiar pelas perguntas “quem está apto a ler esse sinal?” e “quem o escreveu?”. Admite-se, portanto, que a linguagem encontrada em um meio ambiente não é randômica e arbitrária, mas motivada por fatores de ordens diversas, imprimindo mensagens sobre as sociedades, os indivíduos, a política, a economia, as identidades, as formas de representação etc.

Destacamos, assim, a perspectiva social da expressão, considerando que uma paisagem linguística é também uma paisagem sócio-histórica e cultural, formada não apenas por recursos linguísticos dispostos em não-lugares<sup>7</sup>, mas também por pessoas que participam de interações a todo tempo com outros falantes (inclusive de outras variedades), têm suas próprias experiências, vivências, histórias, motivações e objetivos, bem como suas próprias redes sociais locais e translocais. A paisagem, então, deve ser entendida como um conjunto de todos esses elementos, que subjazem e podem constituir um meio ambiente propício a variações linguísticas.

De acordo com Shohamy e Gorter (2009, p. 2), observando as línguas nos diferentes espaços, principalmente na Internet, é possível constatar uma revolução linguística em andamento, que responde com ousadia e estabelece novas formas de ação através da língua, com mistura de códigos, novas regras linguísticas, novas grafias, nova sintaxe e combinações de palavras. Conforme percebemos, essa ousadia também está presente nos espaços públicos da cidade de Juiz de Fora, especialmente em forma de *lookalike language* (Blommaert, 2012).

Para Blommaert (2012, p. 60), quando uma língua se move pelo mundo, ela não se move para espaços vazios, mas para espaços já ocupados por códigos linguísticos e semióticos, com suas normas, expectativas e valores. A nova língua, então, é absorvida pelo sistema sociolinguístico e adaptada a ele, influenciada por grafias já existentes, formas locais de pronúncia, padrões pragmáticos ou poéticos dominantes na localidade etc. Dessa forma, alguns “pedaços” de língua inglesa, por exemplo, não são realmente dessa língua, já que não fazem sentido linguisticamente falando; no entanto, parecem ser de língua inglesa, o suficiente para serem identificados como tal. Sua função não é expressar um significado realmente coerente, mas mostrar uma consciência do potencial socioeconômico contido nessas formas.

<sup>7</sup> De acordo com Augé (1995, p. 79), os não-lugares são as salas de espera, os elevadores, os canteiros de obras, os campos de refugiados, as estações, os albergues e hotéis, os shoppings, os ônibus, a rua etc. Isso quer dizer que são espaços em que os itinerários individuais convergem, i.e., os espaços públicos, em que o indivíduo é apenas um entre muitos. Conforme defende o autor, não-lugares são “palimpsestos em que o jogo da identidade e das relações é incessantemente reescrito”.

Considerando essas questões, além de nos guiarmos pelas perguntas propostas por Coulmans (2009, p. 6), anteriormente mencionadas neste trabalho, “quem está apto a ler esse sinal?” e “quem o escreveu?”, também levamos em conta na análise de dados outras demandas, tais como “por que isso foi escrito?”, “quais fatores sócio-históricos levaram à existência desse sinal?”, “o que está acontecendo nesse meio ambiente?”, “quais as motivações das pessoas que escreveram?”, “o que determina esse uso linguístico tão diverso?” e “quais as implicações desses usos linguísticos no que tange ao repertório comunicativo dos indivíduos que residem ou que passam pela cidade?”.

Assim, a respeito do que foi discutido até o momento, apresentaremos, mais adiante neste trabalho, exemplos de diferentes recursos linguísticos dispostos na paisagem da cidade, até mesmo na forma de uma “língua-que-parece-ser”<sup>8</sup>.

### Repertórios comunicativos e repertórios espaciais

Tendo em vista que a comunicação não envolve simplesmente questões ligadas a aspectos fonéticos, fonológicos, semânticos e gramaticais, Rymes (2010) faz uso do termo repertório comunicativo com o intuito de dar conta da complexidade que permeia o ato comunicativo no cenário dinâmico que vem se consolidando. A autora define repertório comunicativo como “o conjunto de formas com que os indivíduos usam a língua e o letramento, e outros meios de comunicação (gestos, vestuário, postura ou acessórios<sup>9</sup>) para funcionarem efetivamente nas múltiplas comunidades das quais eles participam” (Rymes, 2010, p. 528, tradução nossa).

Otsuji e Pennycook (2010) também consideram essa noção, caracterizando-a como “constelações convencionalizadas de recursos semióticos para a tomada de ação – que são moldadas pelas práticas particulares em que os indivíduos se envolvem” (Otsuji e Pennycook, 2010, p. 248, tradução nossa).

Levando em conta, ainda, as novas formas de comunicação no mundo globalizado e diversificado, o repertório comunicativo se abre para as tendências contemporâneas. A vida social se organiza de modo a integrar e a adequar-se a diferentes conjuntos de normas, a diferentes nichos, dentro de uma policentricidade (Blommaert, 2010) ditada pela necessidade de fazer com que os repertórios individuais carreguem traços de múltiplos ambientes e múltiplas orientações, mudando de uma situação de comunicação para a outra, de acordo com a necessidade de expressão. Dentro dessa perspectiva, Rymes (2014),

tendo em vista o repertório comunicativo no mundo de hoje, postula que:

[...] o repertório de um indivíduo pode incluir múltiplas línguas, dialetos e registros, no sentido institucionalmente definido, mas também gestos, formas de se vestir, postura, e até mesmo o conhecimento de rotinas comunicativas, familiaridade com os tipos de comida ou bebida, e referências da mídia de massa, incluindo frases, movimentos de dança e padrões de entonação reconhecíveis que circulam através de atores, músicos e outros *superstars* (Rymes, 2014, p. 4, tradução nossa).

O repertório comunicativo se relaciona, assim, às práticas cotidianas em que o indivíduo se insere, as quais, por sua vez, estão ligadas ao espaço urbano no qual as formas de comunicação ganham forma.

Voltando nossa atenção para como os indivíduos dispõem a língua e os demais elementos comunicativos em situações de interação – o que se evidencia com a noção de repertório comunicativo –, somos levados a observar, ainda, as relações que se estabelecem entre esses usos linguísticos e os locais. Deparamo-nos, portanto, com as maneiras a partir das quais a língua opera nos espaços urbanos contemporâneos (Otsuji e Pennycook, 2010, tradução nossa), questão que constitui o que os autores denominam de *metrolinguismo* (*Metrolinguism*). Esse conceito se ancora nas práticas de linguagem que permeiam a vida diária e suas relações com os espaços urbanos, referindo-se às “condições linguísticas criativas que transcendem os espaços e as fronteiras culturais, históricas e políticas, como uma maneira de se mover para além dos termos atuais, tais como multilinguismo e multiculturalismo” (Otsuji e Pennycook, 2010, p. 244, tradução nossa).

Li Wei (2011, p. 1223) trata o repertório em termos de suas propriedades espaciais, abordando-o como os recursos que os indivíduos usam para criar o seu próprio espaço. Pennycook e Otsuji (2014) estruturam, portanto, a noção de repertório espacial – com base não apenas nos estudos de Li Wei (2011), como também de Blommaert e Backus (2013), e Benor (2010) e Busch (2013) –, caracterizando-o como “os recursos sedimentados e disponíveis que derivam das práticas de linguagem repetidas pelas pessoas envolvidas nos conjuntos de atividades relacionadas a lugares específicos” (Pennycook e Otsuji, 2014, p. 166, tradução nossa). Assim sendo, os repertórios espaciais se apresentam como algo “que liga os repertórios formados pelas trajetórias de vida individuais aos recursos linguísticos disponíveis em locais específicos” (Pennycook e Otsuji, 2014, p. 166, tradução nossa), o que envolve, em grande medida, diferentes línguas, certamente influenciadas por múltiplas e multifacetadas experiências de vida.

<sup>8</sup> Tradução do termo “lookalike language” (Blommaert, 2012) realizada pelas autoras.

<sup>9</sup> O termo “acessórios” não foi especificado por Rymes (2010). No entanto, acreditamos que leve em conta o uso de bijouterias, bolsas, adornos em geral.



Ainda, de acordo com o pensamento de García (2009), o falante é, de fato, um agente na língua, o que faz com que seja possível considerar “língua” não como um substantivo, mas como um verbo de ação: “linguar” (tradução nossa de “*linguaging*”). Nesse mesmo viés, Jørgensen (2008) mostra que o termo “linguar” está relacionado à forma com que os “usuários da língua empregam quaisquer recursos linguísticos que estejam à sua disposição, com a intenção de atingir seu objetivo comunicativo” (Jørgensen, 2008, p. 69, tradução nossa).

### Aspectos metodológicos da pesquisa

A pesquisa aqui apresentada é de abordagem qualitativa, uma vez que, tal como consideram Denzin e Lincoln (1994), envolve uma “abordagem interpretativa de seus temas de pesquisa. Isso significa que os pesquisadores estudam seus objetos, tentando dar sentido ou interpretar fenômenos de acordo com os significados que as pessoas atribuem” (Denzin e Lincoln, 1994, p. 2). Ainda de acordo com Neves (1996, p. 1), esse tipo de pesquisa pode ser (re)direcionada ao longo de seu desenvolvimento, uma vez que ela se dedica à obtenção de dados descritivos a partir do contato do pesquisador com a situação objeto de estudo. Isso quer dizer que se valoriza o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada, uma vez que ele é o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados (Godoy, 1995, p. 62). Para a coleta dos dados, utilizam-se equipamentos como filmadoras, câmeras fotográficas, gravadores ou mesmo anotações em papel.

No caso da pesquisa aqui relatada, utilizamos fotografias e notas de campo expandidas, recorrendo, assim, a um estudo etnográfico. Como a etnografia envolve métodos e procedimentos indutivos para a seleção do que é importante para a pesquisa, para os estudiosos que a ela se dedicam, torna-se importante não só partir de indagações, mas também construir novas ao longo do trabalho. As categorias ou temas para a observação não são necessariamente escolhidas previamente; na maior parte das vezes, esta escolha se dá a partir do desenvolvimento do trabalho de campo. Nesse sentido, a cada momento de reflexividade sobre a pesquisa, modifica-se o caminhar (Hammersley e Atkinson, 1983). A etnografia, ainda, de acordo com Erickson (1986), envolve atores sociais com participação ativa, dinâmica e modificadora e possibilita o desenvolvimento de reflexões e reestruturações do processo de questionamento do pesquisador a partir da seleção, descrição e observação criteriosa dos dados.

Com o objetivo de registrar alguns usos linguísticos de moradores da cidade de Juiz de Fora (MG),

fotografamos pichações, placas de lojas e até mesmo nomes de prédios que se distribuem pelos diferentes bairros da localidade. No total, até o momento, já foram tiradas 152 fotografias que registram o quanto os repertórios comunicativos são diversificados na cidade, devido a distintas influências, que vão desde aspectos migratórios – no sentido étnico (e consequentemente linguístico-cultural), uma vez que é uma cidade que recebeu diferentes nacionalidades, principalmente no século XIX e, ainda hoje, recebe pessoas do mundo todo para intercâmbio, por motivos profissionais ou interpessoais –, a aspectos ligados à globalização (mídia, Internet, tecnologias etc.).

Assim, na seção seguinte, subdividimos as fotografias da seguinte forma: (i) pichações; (ii) placas de lojas e propagandas; (iii) nomes de prédios.

### Fotografias da paisagem linguística de Juiz de Fora: evidências de repertórios comunicativos e espaciais diversificados

Antes de iniciarmos esta análise, é relevante destacar que, quando nos referimos à “língua” (“inglês”, “português”, “espanhol” etc.), estamos falando de línguas como entidades políticas, que representam diferentes Estados governamentais – o que não quer dizer que existam apenas dentro de uma “fronteira” geográfica<sup>10</sup>, as quais podem se dissolver num continuum, de forma gradual e imperceptível. Segundo Guisan (2009, p. 24), “[...] essa realidade é extremamente incômoda para a solidez do mito nacional, cujos alicerces são o território da pátria, a ideia de raça, de visão de mundo compartilhadas e de língua comum”. Nesse sentido, reconhecemos a fluidez e a dinamicidade com que recursos e fragmentos dessas línguas podem ser usados em diferentes meios ambientes por todo o mundo.

Os primeiros dois exemplos dizem respeito a pichações encontradas pela cidade. De acordo com Pennycook (2009, p. 302, tradução nossa), os grafites podem ser concebidos como “as janelas vitrais do século XXI”, por permitirem o acesso àquilo que acontece nas ruas e, ao mesmo tempo, nas mentes dos sujeitos contemporâneos. Assim, no escopo das pichações, a Figura 1 ilustra a utilização de diferentes recursos linguísticos.

Neste caso, é possível perceber uma mistura de recursos/fragmentos de diferentes línguas políticas, tais como “el” do espanhol e “the” do inglês. Há, também, a onomatopéia “ah” com a palavra reinventada “cabou” (formando “acabou”), e o pronome “comigo”, do português. Além disso, “El Barto” faz referência à animação norte-americana “Os Simpsons”, considerando que a expressão

<sup>10</sup> Segundo Guisan (2009), essa realidade é extremamente incômoda para a solidez do mito nacional, cujos alicerces são o território da pátria, a ideia de raça, de visão de mundo compartilhadas e de língua comum.

é adotada pelo personagem Bart Simpson, configurando um tipo de assinatura de suas pichações.

Podemos inferir que este caso remete ao contato do indivíduo que fez a pichação (por sinal, em um lugar de difícil acesso) com a cultura norte-americana e com línguas diferentes do português. Esse contato (seja através da tecnologia ou face a face) reflete e enriquece o repertório comunicativo tanto do indivíduo pichador, quanto do indivíduo que passa pelo local e percebe a escrita, e até mesmo daquele com quem foi feito o possível contato.



**Figura 1.** Pichação na Rua Jerônimo Noberto Fernandes, Bairro Benfica, Zona Norte da cidade.

**Figure 1.** Graffiti on Jerônimo Noberto Fernandes Street, Benfca, north of Juiz de Fora.

Fonte: Foto da autora Mariana Schuchter Soares (2014).



**Figura 2.** Pichação na Rua Mário Cruz Meyer, Bairro Dom Orione, Zona Oeste da cidade.

**Figure 2.** Graffiti on Mário Cruz Meyer Street, Dom Orione, west of Juiz de Fora.

Fonte: Foto da autora Mariana Schuchter Soares (2014).

A Figura 2 também mostra uma pichação, porém com recursos do italiano.

As palavras “la famiglia”, do italiano, foram pichadas junto com “to baum”, recurso não padrão do português que pode significar “estou bem”. A expressão é recorrente na linguagem informal utilizada na Internet, principalmente em *chats* e redes sociais.

Neste caso, podemos notar, claramente, a influência da Internet (uma das forças que resultaram no que conhecemos por superdiversidade, segundo Blommaert (2013, p. 10), na cultura do indivíduo que fez a inscrição. Não podemos afirmar que a presença dos recursos linguísticos provenientes do italiano também seja fruto de contato por computador (apesar de ser uma possibilidade, dada a demonstração de uso da tecnologia com “to baum”). É preciso considerar outras possibilidades, tais como as músicas, os filmes, os fluxos migratórios de italianos para a cidade (Gaio, 2013), ou até mesmo possíveis contatos presenciais com estrangeiros.

No que tange às placas de lojas e propagandas, podemos citar um exemplo do *lookalike language*, postulado por Blommaert (2012), na Figura 3.

Neste caso, a palavra “persombrink” parece inglês, o que pode estar ligado ao valor socioeconômico desses recursos, mas não tem sentido linguístico. “Person” (com “n” final no inglês padrão) significa “pessoa”. Na placa da loja de brinquedos, como a palavra é seguida de “brink”, foi usado o “m”. No português, usa-se “m” antes de “p” e “b”, o que mostra a influência clara de um código no outro. O termo “brink” pode sugerir “brincar” para o falante do português, mas significa “beira”, “borda” ou “canto” em inglês, sem qualquer relação com venda de brinquedos.



**Figura 3.** Loja na Avenida Presidente Itamar Franco, Zona Sul.

**Figure 3.** Store on Presidente Itamar Franco Avenue, south of Juiz de Fora.

Fonte: Foto da autora Mariana Schuchter Soares (2014).

De acordo com Blommaert (2012, p. 60, tradução nossa), sobre o *lookalike English*,

[...] A impressão que temos aqui é de que o impressor (estampador) juntou e usou qualquer forma remotamente conhecida ou reconhecível como “inglês”, com o intuito não de criar um texto em inglês legível, mas de criar uma “inglesidade” emblemática – algo que se pareça suficientemente a ponto de ser reconhecido como inglês no contexto local.

Dessa forma, “persombrink” é um uso emblemático, a partir do qual é possível fazer associações com a sofisticação e com o *status* universal que, muitas vezes, parece ser conferido apenas aos falantes do inglês. A palavra, assim como outras do *lookalike English*, mostra uma “consciência do potencial social e de capital contido em formas conectadas ao inglês” (Blommaert, 2012, p. 61), por parte daquele que escreveu.

O foco, agora, no que concerne à língua em circulação em nossa sociedade, deslocou-se da homogeneidade, da estabilidade e da finitude, para a mobilidade, a dinamicidade e a diversificação cultural, social e política, conforme sinalizam Blommaert e Rampton (2011), na busca de acompanhar a mudança, a evolução que permeiam as novas demandas em torno da comunicação, do desenvolvimento de atividades cada vez mais diferentes e complexas que fazem uso dos recursos linguísticos (e não linguísticos) evidenciados pela utilização de uma nomeada língua.

Se antes precisávamos de sistemas linguísticos baseados em regras gramaticais estáveis, e tudo o que fugisse desses parâmetros não era considerado “aceitável”, hoje o uso da língua se mostra muito mais dinâmico e, por vezes, vai muito além do que tradicionalmente se preconiza como estruturado e ordenado. Diferentes recursos de diferentes sistemas se interpõem no mesmo espaço (físico ou não),



**Figura 4.** Showroom na Avenida JK, Zona Norte.  
**Figure 4.** Showroom on JK Avenue, north of Juiz de Fora.

Fonte: Foto da autora Mariana Schuchter Soares (2014).

são inventados, reinventados, modificados a todo o tempo. Apesar de existir ainda o outro lado, aquele baseado nos antigos paradigmas de língua (principalmente na mídia e em muitas escolas), é possível perceber o quanto os repertórios estão cada vez mais (super)diversificados.

A Figura 4 também mostra um pouco da *lookalike language* (Blommaert, 2012).

Neste caso, não estamos falando de uma junção de recursos que apenas têm significado emblemático. Pelo contrário, o termo “showrrom” pode ser linguisticamente entendido. No entanto, quando o fonema /R/ foi reproduzido no lugar de /r/, tal como a palavra “showroom” é pronunciada na região, vemos claramente a influência do português.

Como afirma Blommaert (2012, p. 60), quando uma língua se move pelo mundo, não se move por espaços vazios. Esses espaços já foram “preenchidos” por códigos linguísticos e semióticos, bem como por suas normas e expectativas. Nesse sentido, no caso da Figura 4, os recursos de língua inglesa foram influenciados pelos falantes juizforanos, a partir da “velha noção de sotaque” (Blommaert, 2012, p. 60). Segundo o autor, o “sotaque”, ou seja, as influências das formas locais de pronúncia, também aparecem na escrita, e não apenas na fala.

A Figura 5 mostra a presença de recursos chineses na cidade.

O termo “xiang ai” (cuja tradução é “querer amar”) foi utilizado em destaque na placa. Não há qualquer especificação do serviço prestado ou do que é vendido no estabelecimento comercial, em qualquer outra língua. Há apenas alguns desenhos (de malas e bolsas), mas para um falante do português (ou de outra variedade) não fica claro se o objetivo é venda de bolsas ou conserto de bolsas, por exemplo, nem se a loja trabalha com outros produtos. Isso pode sugerir que o falante (no caso, o proprietário



**Figura 5.** Loja na Avenida Getúlio Vargas, Centro.  
**Figure 5.** Store on Getúlio Vargas Avenue, downtown Juiz de Fora.

Fonte: Foto da autora Mariana Schuchter Soares (2014).



da loja) tem seu repertório comunicativo formado principalmente por recursos do chinês, uma vez que nem ao menos pensou na possibilidade de falha comunicativa com o público alvo.

Próximas a esse estabelecimento comercial, especialmente na Rua Marechal (Zona Central), há várias outras lojas de chineses e coreanos. Na nota expandida 001, do dia 14 de junho de 2014, foi relatado o seguinte:

Fui para a Rua Marechal Deodoro. Lá, perguntei em todas as lojas qual era o local de origem dos proprietários. Encontrei seis lojas cujos donos eram chineses e coreanos, na seguinte ordem:

Loja*	Nacionalidade dos proprietários
1	chineses
2	coreanos
3	coreanos
4	coreanos
5	coreanos
6	chineses

Nota: (\*) As lojas não foram identificadas com o intuito de preservarmos as identidades dos proprietários.

A proprietária da loja 4 é D. Sophia (esse nome é o que ela escolheu em português), coreana. Ela tem recursos do português em seu repertório comunicativo.

Esse fragmento da nota expandida mostra como há lojas de proprietários que têm repertórios comunicativos diversificados na cidade de Juiz de Fora, o que pode influenciar diretamente na paisagem linguística.



**Figura 6.** Salão de beleza na Rua Bento Gonçalves, Benfca, Zona Norte.

**Figure 6.** Beauty salon on Bento Gonçalves Street, Benfca, north of Juiz de Fora.

Fonte: Foto da autora Mariana Schuchter Soares (2014).

A Figura 6, por sua vez, mostra a presença de recursos do hebraico na cidade.

Neste caso, o termo “baracho” deriva de “barak”, cujo significado é “benção”. O nome do salão de beleza vem do sobrenome de uma família que reside na cidade. Conforme acreditamos, essas manifestações linguísticas podem influenciar no repertório comunicativo dos passantes e dos clientes do salão de beleza. Isso porque, como afirma Ahearn (2012, p. 30), a aquisição de novas práticas linguísticas não termina na infância. Toda vez que uma criança, um adolescente ou um adulto entra em uma nova escola, passa por uma região ou país, é inserido em uma comunidade religiosa ou em uma profissão, bem como em qualquer outro grupo social, novas palavras e usos são aprendidos. Como acreditamos, essa aquisição pode se dar também através da paisagem linguística, considerando que estão disponíveis formas linguísticas escritas diversificadas, as quais são visualizadas por diferentes pessoas todos os dias.

Há, ainda, outros recursos linguísticos presentes na cidade. É o caso da Figura 7.

O prédio cujo nome está destacado e inscrito com recursos linguísticos árabes foi construído recentemente. Isso pode sugerir que os falantes têm a variedade como grande parte de seu repertório comunicativo, ou mesmo que a língua tenha forte valor identitário para essas pessoas. Esses aspectos referentes aos árabes na cidade podem ser verificados em detalhes nos trabalhos de Dornelas (2009) e Cunha (2006). De qualquer forma, podemos dizer que o caso da Figura 7 ilustra o quanto os repertórios comunicativos e espaciais são diversificados na cidade.

Conforme percebemos, há recursos/fragmentos de diversas línguas políticas na cidade, formando uma paisagem linguística superdiversificada e contribuindo



**Figura 7.** Prédio na Rua Delfim Moreira, Zona Sul.

**Figure 7.** Building on Delfim Moreira Street, south of Juiz de Fora.

Fonte: Foto da autora Mariana Schuchter Soares (2014).



para a ampliação dos repertórios comunicativos e espaciais dos habitantes da região. Essa ampliação mostra o caráter social da linguagem, que sofre influências dos meios físico e virtual a todo o tempo.

Assim, a partir dos conceitos de paisagem linguística e de repertórios comunicativos e espaciais, intimamente ligados à superdiversidade, podemos dizer que o que está surgindo é mais do que uma situação de multilinguismo. O que percebemos é a coexistência e o convívio de muitos recursos linguísticos (e não de línguas monolíticas), por vezes pertencentes a sistemas linguísticos enquanto entidades políticas (por exemplo, recursos do inglês), por vezes em forma de “reinvenções locais para *designs* globais” (Mignolo, 2000), transformados em *lookalike language* (Blommaert, 2012). Os repertórios comunicativos individuais são formados por recursos não linguísticos, mas também por recursos linguísticos/culturais com os quais o indivíduo pode ter tido contato ao longo de sua trajetória de vida através da paisagem linguística. Portanto, o que notamos é que, apesar de quaisquer tipos de restrições (políticas, econômicas etc.) do meio, a tendência é que mais de uma língua/cultura esteja em contato a todo o tempo, em todos (ou quase todos, com exceção de tribos indígenas isoladas, por exemplo) os meios ambientes.

### Considerações finais

Ao transitarmos pelo espaço urbano da cidade de Juiz de Fora, deparamo-nos com uma paisagem linguística plural constituída por recursos diversos, i.e., por fragmentos de sistemas linguísticos que se configuram como as entidades ideológicas e políticas que dão origem às distintas línguas do mundo social. Evidenciamos, neste meio ambiente, fragmentos do inglês, do espanhol, do chinês, do árabe, do português, entre outras línguas, convivendo e estruturando uma forma de comunicação que reflete aspectos da heterogeneidade sociocultural presente na cidade.

Através das fotografias apresentadas, percebemos a materialização dos superdiversificados repertórios comunicativos dos indivíduos que habitam a localidade, bem como a complexa relação que se estabelece entre os usos da língua e o espaço físico, palco do processo de interação. Esse espaço está longe de ser um ambiente puramente monolíngue, como acredita o senso comum. Conforme esclarece Rymes (2014), “as pessoas terão muitas formas diferentes de falar com pessoas diferentes e em locais variados”, o que nos leva a concluir, dessa maneira, que “ninguém, nem mesmo aqueles que literalmente não sabem palavra alguma de nenhuma outra língua diversa da sua língua materna, é monolíngue” (Rymes, 2014, p. 9, tradução nossa).

O que defendemos, portanto, considerando como “recursos linguísticos” aqueles fragmentos das “línguas” (como entidades políticas) que convivem em uma determinada região, é que o repertório comunicativo da

população da cidade de Juiz de Fora (sem a intenção de generalização, uma vez que há diferenças entre cada um deles), mostra-se bastante diversificado. Isso porque, como afirmam Shohamy e Gorter (2009, p. 3), as crianças começam a notar os sinais dispostos em lugares públicos ainda bem pequenas. Os imigrantes ou turistas, por sua vez, são guiados por esses sinais e têm seu primeiro contato com a cultura local através deles. Assim, tentam conectar esses sinais com suas línguas familiares, interpretando os novos meios ambientes. Além disso, o tempo todo, somos inundados por propagandas e pichações em línguas diversas, colaborando para o desenvolvimento de um repertório comunicativo superdiversificado.

### Referências

- AHEARN, L.M. 2012. *Living Language: an introduction to Linguistic Anthropology*. Chichester, Blackwell Publishing, 262 p.
- AUGÉ, M. 1995. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, Papirus, 111 p.
- BENOR, S.B. 2010. Ethnolinguistic repertoire: Shifting the analytic focus in language and ethnicity. *Journal of Sociolinguistics*, **14**(2):159-183. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-9841.2010.00440.x>
- BLOMMAERT, J. 2010. *The Sociolinguistics of Globalization*. New York, Cambridge University Press, 229 p. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511845307>
- BLOMMAERT, J. 2012. Lookalike language. *English Today*, **28**(2):60-62. <http://dx.doi.org/10.1017/S0266078412000193>
- BLOMMAERT, J. 2013. *Ethnography, Superdiversity and Linguistic Landscapes: Chronicles of Complexity*. Bristol, Multilingual Matters, 127 p.
- BLOMMAERT, J.; BACKUS, A. 2013. Super diverse repertoires and the individual. In: I. de SAINT-GEORGES; J. WEBER (eds.), *Multilingualism and Multimodality: Current Challenges for Educational Studies*. Rotterdam, Sense Publishers, p. 11-32. [http://dx.doi.org/10.1007/978-94-6209-266-2\\_2](http://dx.doi.org/10.1007/978-94-6209-266-2_2)
- BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. 2011. Language and Superdiversity. *Diversities*, **13**(2):1-21.
- BUSCH, B. 2013. *Mehrsprachigkeit*. Wien, Facultas Verlags, 232 p.
- COULMANS, F. 2009. Linguistic Landscaping and the seed of the public sphere. In: E. SHOHAMY; D. GORTER (org.), *Linguistic Landscape: expanding the scenery*. New York, Routledge, p. 13-14.
- CUNHA, F.O.B. da. 2006. *Véus sobre a rua Halfeld: um estudo sobre as mulheres muçulmanas da mesquita de Juiz de Fora e o uso do véu*. Juiz de Fora, MG. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 145 p.
- DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. 1994. Introduction: Entering the Field of Qualitative Research. In: N.K. DENZIN; Y.S. LINCOLN (orgs.), *Handbook of Qualitative Research*. California, SAGE Publications, p. 1-17.
- DORNELAS, J. G. 2009. A contribuição da memória para um estudo de um processo migratório específico: o caso dos sírios e libaneses em Juiz de Fora-MG (1890 a 1940). *Outros tempos*, **6**(8):40-55.
- ERICKSON, F. 1986. What makes school ethnography ‘ethnographic’? In: *Anthropology and Education Quarterly*, **15**(1):51-66. Disponível em: [http://www.indiana.edu/~educy520/sec5982/week\\_4/erickson84.pdf](http://www.indiana.edu/~educy520/sec5982/week_4/erickson84.pdf). Acesso em: 23/09/2013.
- GAIO, M. M. 2013. *Imigração italiana em Juiz de Fora: manutenção e perda linguística em perspectiva de representação*. Niterói, RJ. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, 111 p.
- GARCÍA, O. 2009. *Bilingual Education in the 21<sup>st</sup> Century: A Global Perspective*. Malden/Oxford, Basil/Blackwell, 481 p.
- GODOY, A.S. 1995. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, **35**(2):57-63. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>

- GUISAN, P. 2009. Língua: a ambiguidade do conceito. In: A.C.P. SALGADO; M.M.G. SAVEDRA, *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato*. Rio de Janeiro, 7Letras, p. 17-27.
- HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. 1983. *Ethnography: Principles in Practice*. London, Tavistock, 288 p.
- JØRGENSEN, J.N. 2008. Polylingual languaging around and among children and adolescents. *International Journal of Multilingualism*, 5(3):161-176. <http://dx.doi.org/10.1080/14790710802387562>
- LI, WEI. 2011. Moment Analysis and translanguaging space: Discursive construction of identities by multilingual Chinese youth in Britain. *Journal of Pragmatics*, 43(5):1222-1235. <http://dx.doi.org/10.1016/j.pragma.2010.07.035>
- MIGNOLO, W.D. 2000. *Local Histories/Global designs: coloniality, subaltern knowledges and border-thinking*. Princeton, Princeton University Press, 400 p.
- NEVES, J.L. 1996. Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisas em administração*, 1(3):1-5.
- OTSUJI, E.; PENNYCOOK, A. 2010. Metrolingualism: Fixity, fluidity and language in flux. *International Journal of Multilingualism*, 7(3):240-254. <http://dx.doi.org/10.1080/14790710903414331>
- PENNYCOOK, A. 2009. Linguistic Landscapes and the Transgressive semiotics of graffiti. In: E. SHOHAMY; D. GORTER (orgs.), *Linguistic Landscape: Expanding the Scenery*. New York, Routledge, p. 302-312. <http://dx.doi.org/10.1111/josl.12079>
- PENNYCOOK, A.; OTSUJI, E. 2014. Metrolingual multitasking and spatial repertoires: 'Pizza mo two minutes coming'. *Journal of Sociolinguistics*, 18(2):161-184.
- RYMES, B. 2010. Classroom Discourse Analysis: A Focus on Communicative Repertoires. In: N.H. HORNBERGER; S.L. MCKAY, *Sociolinguistics and Language Education*. Bristol, Multilingual Matters, p. 528-545.
- RYMES, B. 2014. Communicative repertoire. In: C. LEUNG; B.V. STREET (eds.), *The Routledge Companion to English Studies*. Routledge. Disponível em: <https://upenn.academia.edu/BRymes>. Acesso em: 01/09/2014.
- SHOHAMY, E.; GORTER, D. (orgs.). 2009. *Linguistic Landscape: expanding the scenery*. New York, Routledge, 393 p.
- SHOHAMY, E.; BEN-RAFAEL, E.; BARNI, M. 2010. *Linguistic Landscape in the city*. Bristol, Multilingual Matters, 352 p.
- VERTOVEC, S. 2006. *Super-diversity*. London/New York, Routledge, 240 p.

Submetido: 22/07/2015  
Aceito: 13/06/2015